

O DISPOSITIVO É SÓ UM RASTRO: PROTOCOLO PARA OS PRESENTES, A MÍDIA E DEUS

Victor Folquening

RESUMO

A expressão “dispositivo” se tornou ponto-chave na compreensão da “mediatização” como processo interacional de referência. No entanto, seu uso como sinônimo de mecanismo mediático nubla a necessária delimitação do observável próprio da Comunicação. No texto a seguir, procuramos explorar os limites do dispositivo na performance presencial de um pastor batista em uma igreja de Curitiba (PR).

Palavras-chave: Dispositivo – mediatização – religião.

ABSTRACT

Biografia

Jornalista, mestre em Ciências Sociais Aplicadas, doutorando em Ciências da Comunicação – bolsista Prosup/Capes – na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), S. Leopoldo (RS). Autor de “O Jornalismo é um Humanismo” (Curitiba: Pós-Escrito, 2002). Professor de Teoria da Comunicação e Coordenador do projeto Radioweb nas Faculdades Integradas do Brasil. Linha de Pesquisa: Mediatização e Processos Sociais. Email: vicfolken@yahoo.com.br

The noun “dispositif” has become a keyword in understanding the “mediation” as a reference interaction process. However, its use as a synonym for the necessary mechanism media obscures the observable characteristic of Communication. In the following we explore the limits of dispositif performance in the face of a Baptist preacher in a church in Curitiba (PR).

Keywords: Dispositif (apparatus) - mediatization - religion.

I. O dispositivo é “marca genética” da mediatização?

Para Mario Carlón (2004), a transmissão televisiva ao vivo acaba constituindo uma categoria particular de espectadores, aqueles que são “testemunhas do presente absoluto”. Tal possibilidade intrínseca ao mecanismo televisivo (entre outros exemplares) dá a ele a condição de dispositivo midiático, uma observação que descreve a leitura própria de Carlón a respeito do conceito “dispositivo”, expressão longe de um consenso nos atuais estudos sobre mídia.

Nossas preocupações particulares de pesquisa – estratégias discursivas do cristianismo na ambiência midiática – estimulam reflexão sobre o tempo da transmissão ao vivo na reconfiguração sensível da circulação na mídia.

Escolhemos uma observação, feita a partir dessa aproximação “selvagem” que caracteriza os primeiros passos de uma pesquisa, para refletir sobre os limites do objeto que hoje as recém-empossadas Ciências da Comunicação reclamam como problema da sua exclusiva esfera de preocupação. Tal apropriação não é simples nem automática; da nossa perspectiva, o jogo de heterogeneidades nos campos contemporâneos torna difícil estipular o que é um desígnio próprio. Autores de recorrência contínua (Martín-Barbero, 2003; Verón, 2004) resolvem a questão no dispositivo singular de mídia. Mas não é raro nem tão contestável assim que o dispositivo se confunda com seu suporte. Muitos textos falam do “dispositivo televisivo” ou do “dispositivo impresso” quase como meros sinônimos de “TV” e “jornal” ou “revista”.

Mesmo que a confusão apenas desautorizasse o conceito – que tem sua origem em Foucault (2000) e na idéia de “controle”¹ – o dano maior é deixar de fornecer um caminho para se identificar o que de relevante possui o específico dispositivo mediático. Relevância, aliás, que coloca em jogo a própria aceitação de um processo de mediatização da sociedade.

O observável para a reflexão é a homilia de um líder religioso protestante. A escolha pela religião como interface às peculiaridades da mediatização responde não mais do que a uma questão de “grandeza de campo”. Como poucos outros, o campo da religião (Bourdieu, 1990) é um sistema complexo e historicamente solidificado. Suas assimilações, recusas, adaptações, “contrabandos” (Folquening, 2010) no campo mediático ocorrem em uma dimensão obviamente diferente daquelas ações de interface proporcionadas por campos mais recentes, em construção ou de naturezas dispersas. Aliás, no que tange particularmente ao cristianismo, cuja fundação e desenvolvimento ocorrem no interior de um sistema interacional de referência escrito (a “Palavra” é a consolidação da Bíblia como documento sagrado), os traumas e desencontros próprios de um ambiente em transformação (a passagem da cultura escrita para a mediática) solicitam estratégias e adaptações muito particulares e que podem nos fornecer pistas sobre a persistência de instituições fundadoras na sociedade contemporânea. Se tratamos de uma igreja protestante histórica (os batistas, por exemplo), a relevância ainda é maior. Como apontam Briggs e Burke (2004), a Reforma Protestante deve parte considerável de sua disseminação ao advento da imprensa.

II. Os protocolos mediáticos do pastor no púlpito

Em 21 de março de 2010, o pastor Paschoal Piragine Jr. fala para mais de duas mil pessoas na suntuosa, mas inacabada sede da Primeira Igreja Batista de Curitiba, assentada no coração de um dos bairros mais caros da capital paranaense.

Movendo-se de um lado a outro do tablado, o pastor menciona sua adesão à Associação O Amanhã Para Nossos Filhos e justifica que se trata de uma entidade “que não é evangélica, mas de brasileiros”. O principal objetivo da associação, segundo o ministrante, é a “luta contra a exibição de pornografia na TV”. Esse seria o tom do sermão: a certa altura, o pastor passa a identificar os locais que lhe fornecem as pistas dessa “ideologia, desse sistema de valores” que leva as pessoas a assumirem a “busca desenfreada de prazer”:

¹ Para Fabiane Marcello (2009, p. 2), que reflete sobre a “maternidade” sob um ângulo foucaultiano, “o dispositivo nada mais é do que um conceito multilinear, que combina estrategicamente campos de saber, relações de poder e

- Vai numa banca de revistas, liga sua televisão, escuta a conversa no meio da rua e você vai perceber que há todo um sistema de valores, uma ideologia, que está dizendo “experimenta, viva, curta, faça...”

O próprio pastor não se limita a identificar discursos explícitos pró-sexualidade. Fala em “discurso subliminar” e compreende que há um “sistema”:

- Esse é um sistema tão sutil, tão tremendamente interligado que, por exemplo, mexe com a moda, e a moda começa a trabalhar o despertar da sensualidade...

Pastor Piragine reforça o viés familiar, falando sobre o controle dos pais a respeito dos conteúdos frequentados pelos filhos na internet. Conta que, em suas viagens pelos Estados Unidos, se surpreendeu ao ver computadores não nos quartos, mas nas cozinhas e salas – uma forma de vigilância praticada como antídoto ao consumo de pornografia, já que “basta você ligar o computador e você tem acesso a qualquer coisa”.

Num tom crescente, o pastor agora descreve “dois garotos” hipotéticos que “ligam suas webcams”, se despem um para o outro, falam palavras que “despertam desejo” e “se masturbam, aqui e acolá”.

- Queridos, eu não estou falando de coisas que acontecem lá longe. Pode estar acontecendo na sua casa! E Piragine para de sorrir, segura o silêncio mais prolongado do sermão e mantém uma expressão severa. Troca o microfone de mão e aponta o dedo para a platéia. “E nós achamos normal. E por que nós achamos normal?”, se pergunta retoricamente, para depois responder:

- Satanás tem aconselhado crianças, jovens e adultos no meio dessa sociedade moderna e pós-moderna, a satisfazer sem qualquer limite os desejos ardentes da sua carne.

Piragine Jr. detecta que Satanás tem obtido êxito:

- E o pior é que nesse sistema até as famílias, que antes eram as mantenedoras dos valores, comecem a apoiar essa satisfação.

Como o pastor sabe disso?

- A gente vai ver, em cadeia nacional de televisão, pais modernos dizendo: “meus filhos, de 15, 16, 14 anos, não precisam transar fora de casa”. E eu não estou falando um absurdo: você deve ter visto o mesmo que eu na televisão.

III. O auditório é ambiente de mídia?

Uma leitura apressada forçaria uma interpretação de contradição no comportamento do pastor Piragine, contradição hoje assumida e discutida nos estudos sobre o papel dos meios de comunicação massiva na contemplação e movimento no mundo contemporâneo. Ele se apóia em percepções obtidas na ambiência midiática para resignificar o texto bíblico de João (o profeta “anteciparia” a psicanálise), escrito quase dois mil anos atrás. Ao mesmo tempo, se vale de recursos expressivos típicos da televisão para falar do púlpito. Sua crítica à “modernidade e pós-modernidade” não exclui o discurso legitimador da ciência, pois cita estatística e psicanálise para dar credibilidade aos fatos narrados – o que parece não ofender o paradigma anti-intelectual que funda a própria tradição batista.

Se quisermos aprofundar ainda mais a aparente “contradição”, vale lembrar que esse sermão foi estudado pelo pesquisador na internet, através do site www.pibcuritiba.org.br, e reproduz o programa que vai ao ar semanalmente na TV aberta CNT com o nome Dia a Dia com Deus. Trata-se de um sítio de grandes qualidades técnicas, oferecendo ambientes multimídia e design condizente com as tendências contemporâneas da mídia em questão.

Mas é preciso compreender que tais “contradições” não se limitam à mídia e se amparam em uma espécie de economia de “significados deslocados” (McCracken, 2003) presentes desde a necessidade política de afirmação dos fundamentos e crescimento da evangelização características das origens do campo religioso evangélico na América.

Mesmo assim, na ambiência da mídia tais minúcias significativas ganham proporções muito especiais, que exigem uma leitura particular do fenômeno. Nossa hipótese é que até mesmo o fundamentalismo religioso assume contornos mais sutis no ambiente da mídia – uma vez que concorre com discursos mo-

derados de várias matrizes – e não se furta de recusar a modernidade se amparando nela.

Essa “negociação” ou “jogo” só é possível se atravessamos a leitura dos media como mecanismos técnicos (ainda que dotados de significação) e percebemos neles a composição de “dispositivo” que se configura mais pelas práticas inseridas no seu uso do que pelas suas propriedades tecnológicas.

Ora, vale a pena refletir se a condição-dispositivo está tão intrinsecamente ligada à substância íntima do mecanismo mediático que, se ao se dissolver ou se transferir o abstrato da máquina, preservar-se-ia o dispositivo nesse ambiente físico. Parte dos pesquisadores que recorrem ao tema – Braga (2006), Fausto Neto (2005), Ferreira (2010), Verón (2004), entre outros – abordam o dispositivo para além de suas mecânicas, desenhando-o, sobretudo, a partir de suas marcas de circulação. Acompanhando estes pesquisadores, podemos aceitar que a tecnologia de suporte (o dispositivo “meramente” tecnológico, como vê Pedro Gomes [2006,2010], por exemplo) é passível de contínua precarização ou, na melhor das hipóteses, subutilização. Seus protocolos de uso, seus processos de assimilação social, no entanto, parecem resistir, sejam em deslocamentos para outros mecanismos (usar internet como se fosse TV ou adaptar o celular para um aparelho de som a ser ouvido coletivamente em um ônibus urbano – a “estratégia desviante”, da qual fala Verón) seja na persistência de “rastros”, identificáveis até mesmo nos ambientes destituídos da concretude dos dispositivos (como o pastor falando à platéia sem a presença do “olho” mediático).

IV. Falar ao mundo “sem tempo” como se fosse “ao vivo”

O discurso de Piragine Jr. é dotado ricamente da heterogenia que caracteriza o “falar midiático”: ele nitidamente reconhece e domina certas competências próprias do meio televisivo – entre eles o cuidado para “camuflar” comentário que poderia perfeitamente ser interpretado como homofóbico: o fato de citar “dois meninos” como protagonistas-símbolo da relação masturbatória via webcam. O reconhecimento implícito desse perigo sugere compreensão de certa vocação liberal do dispositivo televisivo. Sem dúvida, vemos a repreensão a atitudes politicamente incorretas o tempo todo na TV e essa é uma publicidade que não viria a beneficiar a Primeira Igreja Batista de Curitiba.

Mas, ao dominar a gramática televisiva, Piragine busca “contrabandear” (Folquening, 2010) para o dispositivo a visão conservadora, crítica, do sistema a que se entrega no momento do culto. As falas do pastor parecem direcionadas ao público, ao vivo, em uma forma que “o ator pode mudar a condução da cena conforme a reação da platéia”, como escreveu Benjamin sobre diferenças entre o teatro e o cinema (2002). Porém, a performance é “fria” em relação aos dois mil fiéis que lotam a assembléia – tanto que a transmissão omite o público ou mesmo sua reação sonora, como palmas ou frases de aprovação/louvor. Piragine está atento ao modo como irá “parecer” ao ser captado pela câmera. Suas visões de mundo – como a condenação da homossexualidade – são em geral compartilhadas pelos fiéis (ao menos no momento do culto). Não se pode dizer o mesmo do público potencial representado pela TV e pela internet.

A condução do tempo parece seguir uma lógica diferente não só da comparação com o tempo real dos acontecimentos, como independente da própria disposição para a edição. Ao tomar contato com a versão televisiva ou digital do sermão, a audiência terá uma terceira dimensão temporal: para além daquela do mundo vivido, daquela proposta pela edição caracterizante do tempo midiático, verá o resultado de uma performance construída no tempo imaginado, calculado, pelo pastor. Um tempo em que as idéias consensuais são destacadas e as passíveis de negociação simbólica, “protegidas” pela fluidez da fala. O presente absoluto solicitado pela mídia transborda para realidade cotidiana, afetando no fim a milenar relação direta do ministro religioso com seus fiéis.

V. Conclusão

Em uma comparação que não se pretende ofensiva, podemos dizer que o protocolo de ação comunicativa (em tempos de mediatização) na igreja física repete o modo tradicional de se dirigir ao Deus abramico, vivo no imaginário, pertencente a outra dimensão, exigente de conduções e “palavras corretas” que honrem os protocolos estabelecidos em um tempo e lugar que escapam da compreensão imediata dos

participantes.

Paschoal Piragine Jr. levanta a mão e ela se torna enorme para a platéia. Pelo menos é a impressão que se tem pelo rápido movimento das cabeças e dos olhos, que acompanham a ereção daquela palma como se estivessem hipnotizados. A mão direita, com os dedos firmemente encostados uns aos outros, os calos no volume no arco palmar, desenhados pelos cinquenta e um anos, rouba por instantes a atenção ao rosto devoto do pastor; ali estão os traços indubitáveis da fé transcendente: os olhos fechados e a testa enrugada, como em um orgasmo feminino, a boca entreaberta prolongando o efeito das frases de louvor e repreensão.

Trata-se de uma performance que provavelmente encontraria guarida nas assembleias pioneiras dos batistas norte-americanos, em meados do século 18, ambiente em que o sentimentalismo e o gesto dramático se firmaram como retórica protestante (Jones, 1963). A diferença é que contar com o dispositivo – com a possibilidade de que o gestual e a fala sejam apropriados por um contingente inominável de indivíduos, abordados conforme uma estética publicitária, erotizante, reducionista, mediática – torna o momento singular e “gigante” a cada segundo de exposição no púlpito – uma potência de significação pública. Dessa “responsabilidade”, o pastor Piragine Jr não pode se esquivar. Mesmo que nenhum dispositivo-mecanismo esteja mediando o seu sermão.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Em: LIMA, Luiz Costa. Teorias da cultura de massa. SP: Paz e Terra, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso. In: Coisas Ditas. SP: Brasiliense, 1990.
- BRAGA, José Luís Braga. A sociedade enfrenta a sua mídia. SP: Paulus, 2006.
- BURKE, Peter & BRIGGS, Asa. Uma história social da mídia. RJ: Jorge Zahar, 2004.
- CARLÓN, Mario. Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos e sujetos. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- FAUSTO NETO. Enunciação jornalística entre dispositivo e disposições. Niterói: XIV Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005.
- FERREIRA, Jairo. Espaço crítico no jornalismo: para além da indústria, do intelectual e do consumo polêmico. Reflexão integrante da pesquisa “A circulação em dispositivos midiáticos (estudo sobre as ONGs em sites na Web)”. Texto usado na disciplina Tópicos Avançados em Mediatização. Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2010.
- FOLQUENING, Victor. Igreja, masturbação e mediatização. Artigo para o XIII Seminário de Inverno. Universidade Estadual de Ponta Grossa: junho, 2010.
- FOUCAULT, Michel. A microfísica do poder. RJ: Graal, 2000.
- GOMES, Pedro. Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade. S. Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- GOMES, Pedro. Sociedade em mediatização: saudade ou esperança. Documento para debate na disciplina de Tópicos Avançados em Comunicação. Unisinos, abril/2010.
- JONES, LeRoi. O jazz e sua influência na cultura americana. RJ: Record, 1963.
- MARCELLO, Fabiana de Amorin. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. Currículo sem Fronteiras, v.9, n.2, pp.226-241, Jul/Dez 2009.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Razón técnica e razón política: espacios/tiempos no pensados. In: Revista Latino-Americana de Comunicacion. Ano 1, no 1. Dez/2005, SP.
- McCRACKEN, Grant. Cultura e consumo. RJ: Mauad, 2003.
- VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.